

HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Gaza entra em colapso

AVIAÇÃO ISRAELENSE INTENSIFICA BOMBARDEIOS AO ENCLAVE PALESTINO, E PORTA-VOZ DO MINISTÉRIO DA SAÚDE DIZ QUE CENTROS MÉDICOS DEIXARAM DE FUNCIONAR. DIRETOR DO HOSPITAL AL SHIFA DENUNCIA "SITUAÇÃO CATASTRÓFICA"

» RODRIGO CRAVEIRO

As Forças de Defesa de Israel (IDF) descartaram a entrada de combustível na Faixa de Gaza, enquanto intensificavam os bombardeios ao enclave palestino. Sem condições de abastecer os geradores e funcionando além de sua capacidade, hospitais começaram a enfrentar as consequências de um "colapso total" do sistema de saúde. Somente na segunda-feira, os ataques aéreos de Gaza deixaram pelo menos 750 mortos, afirmou o grupo extremista Hamas — na noite de ontem, foram 50 vítimas em uma hora.

As IDF anunciaram que soldados frustraram uma infiltração de terroristas do Hamas no sul do território israelense, ao avistarem mergulhadores saindo de um túnel e entrando no mar. Entre quatro e nove membros da facção teriam sido mortos em uma troca de tiros. O Hamas também voltou a disparar foguetes contra o centro de Israel, o que levou ao acionamento das sirenes antiaéreas em Tel Aviv. Por sua vez, a ex-refém Yocheved Lifschitz, 85 anos, libertada na segunda-feira, contou que "viveu o inferno" em um emaranhado de túneis na Faixa de Gaza e não poupou críticas ao governo de Benjamin Netanyahu.

A Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRWA) advertiu que encerrará as atividades na Faixa de Gaza, na noite de hoje, por causa da falta de combustível. "Se não obtivermos combustível com urgência, seremos obrigados a interromper as nossas operações a partir de amanhã (hoje) à noite", afirmou a agência na plataforma X (antigo Twitter).

Diretor geral do Hospital Al Shifa, na Cidade de Gaza, Muhammad Abu Salamiya admitiu ao **Correio**: "A situação é catastrófica". "Nosso

Mahumd Hams/AFP



Socorristas resgatam criança de escombros de prédio atingido por míssil, em Khan Yunis, no sul de Gaza

Guterres condena ataque à população civil

O secretário-geral da ONU, António Guterres, denunciou, no Conselho de Segurança, as "violações claras do direito humanitário" em Gaza, provocando a ira do chanceler israelense, Eli Cohen. "Nenhuma das partes em um conflito está acima do direito humanitário internacional", disse Guterres, ao lembrar que até mesmo as guerras "têm regras". O dirigente da ONU condenou o Hamas pelo ataque de 7 de outubro, mas ao mesmo tempo disse que "é importante reconhecer" que esses ataques "não vieram do nada". Ele acrescentou que a população palestina foi objeto de "56 anos de ocupação sufocante". "Senhor secretário-geral, em que mundo você vive?", questionou Eli Cohen, após lembrar que Israel "não apenas tem o direito de se defender, mas também o dever". O embaixador israelense na ONU, Gilad Erdan, pediu a "renúncia imediata" de Guterres.

hospital não consegue mais acomodar o número atual de feridos. Tivemos que colocá-los nos corredores, deitados no chão. Também somos obrigados a operar os pacientes no chão, porque todas as salas de cirurgia estão lotadas",

relatou o médico. "Somente no Al Shifa recebemos 7 mil feridos e 2.500 cadáveres. Isso em um único hospital. Não temos medicamentos nem suprimentos médicos. A unidade de terapia intensiva funciona com cinco vezes mais

pacientes do que comportaria. O sistema de saúde em Gaza está colapsado." Os 200 médicos e 300 enfermeiros comandados por Abu Salamiya trabalham 24 horas por dia; estão proibidos de abandonar o prédio.

De acordo com Abu Salamiya, o Hospital Al Shifa sofre com um blecaute. "Estamos trabalhando com geradores, que precisam de combustível, o qual se esgotará em poucas horas. O nosso hospital se tornará um cemitério, porque não podem operar sem eletricidade", explicou o diretor. "Além dos pacientes, estamos dando refúgio a 40 mil desabrigados e outros moradores que se sentem mais seguros dentro do Al Shifa. Eles estão espalhados pelos corredores e pelo pátio."

Porta-voz do Ministério da Saúde de palestino, Ashraf Al-Qudra disse

Eu acho...

Arquivo pessoal



"É extremamente difícil ver o que ocorre em meu hospital. Eu me preocupo com os feridos, com as famílias, com as esposas e os filhos dos feridos e mortos. Peço ao mundo que façam com que Israel detenha a agressão a Gaza. Precisamos de combustível, de suprimentos médicos. Também apelo para que retiremos os feridos da Faixa de Gaza e que montemos hospitais de campanha."

Muhammad Abu Salamiya, diretor geral do Hospital Al Shifa, na Cidade de Gaza

à reportagem que "não há mais instalações médicas disponíveis na Faixa de Gaza". "O sistema de saúde colapsou por completo", reforçou, confirmando o diagnóstico de Abu Salamiya. Ele acrescentou que 12 hospitais e 32 centros de atendimento médico no enclave palestino estão sem combustível e não podem mais funcionar. "Nós tememos que os geradores parem no restante dos hospitais em um prazo de 24 horas. Buscamos disponibilizar pequenos geradores, a fim de estender, por mais algumas horas, os serviços capazes de salvar vidas. As equipes de médicas realizaram dezenas de cirurgias usando lanternas de celulares, ante a queda de energia."

Embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zohar Zonshine frisou ao **Correio** que a responsabilidade pelos habitantes de Gaza "pertence ao Hamas". "O Ministério da Saúde é dirigido pelo Hamas, uma organização terrorista que massacrrou 1.400 israelenses inocentes e que provou sua credibilidade durante

o disparo de foguete da Jihad Islâmica sobre um hospital de Gaza", lembrou. "De acordo com o direito internacional, somos obrigados a permitir a entrada de equipamento humanitário na Faixa de Gaza, mas não temos a obrigação de fornecê-lo. Nós fazemos isso. Bastante vermos o número de carregamentos entrando na Faixa de Gaza durante os combates."

"Abandonados"

Yocheved Lifschitz, a israelense de 85 anos solta pelo Hamas com Nurit Cooper, 79, contou que foi levada por "uma imensa rede de túneis sob Gaza que se pareciam com uma teia de aranha" e também que sofreu agressões no trajeto entre o kibbutz Nir Or e o enclave palestino controlado pelo grupo extremista. Ela disse que os captores a carregaram em uma moto e a golpearam com bastões, deixando-a com hematomas e dificuldades respiratórias. "Vivi um inferno, não tinha ideia de que me encontraria nessa situação", afirmou. "Eles me agrediram no caminho; não quebraram minhas costelas, mas me machucaram muito." Lifschitz revelou ter ficado dentro dos túneis por duas ou três horas, antes de ser colocada em uma sala com 25 reféns e, depois, em um cômodo separado, ao lado de quatro pessoas.

A idosa acrescentou que foi "bem tratada" e era monitorada por um médico a cada dois ou três dias. As refeições dos reféns eram as mesmas servidas aos extremistas do Hamas: pão pita com cream cheese, queijo derretido e pepinos. Segundo Lifshitz, semanas antes dos atentados de 7 de outubro, moradores de Gaza "enviaram balões incendiários para queimar nossas lavouras". "O Exército, de uma forma, ou de outra, não levou isso a sério. O governo (de Benjamin Netanyahu) nos abandonou."

Macron defende coalizão internacional

» MATHEUS MORGADO
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

Durante visita a Israel, o presidente da França, Emmanuel Macron, defendeu a formação de uma coalizão internacional para combater o grupo extremista Hamas. Em Jerusalém, Macron se reuniu com membros do governo israelense, incluindo o premiê, Benjamin Netanyahu, e o presidente, Isaac Herzog. O francês sugeriu a expansão da aliança militar criada em 2014 contra o Estado Islâmico (EI), na Síria e no Iraque, para atuar em Gaza.

"A coalizão não vai acontecer", assegurou ao **Correio** Aaron David Miller, especialista do Carnegie Endowment for International Peace e ex-negociador de paz dos EUA para o conflito israelo-palestino, entre 1988 e 2003. Segundo ele, a tendência é de que os países europeus não embarquem na proposta. "É só um ponto de discussão."

Miller analisa que a imposição de sanções e uma pressão política sobre o Hamas seria mais viável. Ele lembra que o grupo extremista tem braços em outros países do Oriente Médio, para

além de Gaza. "A liderança externa está no Catar. Macron pedirá ao governo de Doha que remova as autoridades do Hamas? Ou para (o presidente Recep Tayyip Erdogan se certificar de que não há presença do Hamas na Turquia?", questiona o especialista. "Acho que ele não pensou nisso com cuidado."

Eytan Gilboa, professor de relações internacionais da Universidade de Bar-Ilan, em Israel, discorda e afirma que "o Hamas é uma ameaça para toda a civilização ocidental"; portanto, "Israel não

deveria lutar sozinho" contra o grupo extremista. Mas acrescenta: "Israel está determinado a destruir a infraestrutura militar e de governo do Hamas, com ou sem ajuda".

A coalizão que combateu o Estado Islâmico foi formada por 80 países, sob a liderança dos EUA. Miller destaca as diferenças entre as circunstâncias de 2014 contra o EI e as de agora. Para ele, a grande extensão de território na Síria e no Iraque facilitou o uso de equipamentos militares. "Em Gaza, um combate urbano aguarda as tropas, com um inimigo se

Christophe Ena/AFP



Netanyahu (D) com o presidente francês, em Jerusalém: apoio

preparando há meses. Por que algum país europeu submeteria suas forças a um risco?"

Miller diz não ver "lógica" em tentar replicar o modelo contra o

Hamas, enquanto Gilboa observava que o grupo continua atuante em partes da África, como o Níger. "O EI é uma ideia, e ideias são difíceis de liquidar", reforça.

ARGENTINA

Líderes do radicalismo descartam aliança com Milei

Luis Robayo/AFP



O libertário Javier Milei atrai a repulsa de setores da direita, que o associam ao fascismo

Dirigentes do partido Unión Cívica Radical (UCR) negaram, ontem, qualquer chance de aliança com a coalizão La Libertad Avanza (LLA), do deputado libertário Javier Milei, segundo colocado no primeiro turno das eleições presidenciais. Segundo o jornal *Página 12*, o líder Federico Storani qualificou Milei como "fascista" e fez eco a outras personalidades do radicalismo que descartam a aproximação entre a conservadora Patricia Bullrich, do Propuesta Republicana (PR), e Milei. O ex-deputado

Facundo Suárez Lastra, por sua vez, defendeu que os simpatizantes do ex-presidente Mauricio Macri (2015-2019) sejam liberados para escolherem quem quiserem no segundo turno, mas recomendou um voto em branco. Ele avisou que não votará em "uma direita fanática, agressiva e autoritária".

Na tentativa de angariar votos e reduzir a margem de liderança do adversário governista Sergio Massa, ministro da Economia, Milei ofereceu cargos à esquerda, caso chegue à Casa

Rosada. "Nós temos o ministério do Capital Humano e, em alguns aspectos das áreas que entram ali, as pessoas que mais sabem desse tema são de esquerda (...). Se vai trazer uma solução, o que me importa o que pensa sobre a teoria do valor? Pouco me importa", disse, em entrevista ao canal La Nación.

O legislador Gabriel Solano, líder do Partido Operário que integra a Frente de Esquerda Unida, rechaçou a iniciativa. "É um oportunismo absurdo de alguém que disse insistentemente

durante um ano que a esquerda é suja", afirmou.

Na segunda-feira, Milei também propôs integrar em seu eventual governo Bullrich, que ficou em terceiro lugar no primeiro turno, com 24% dos votos. "Como não vou incorporá-la, se ela foi bem-sucedida combatendo a insegurança?", disse Milei sobre a ex-ministra de Segurança de Macri. Com um discurso contra o que ele chama de "casta política ladra", Milei era o favorito nas pesquisas para o primeiro turno eleitoral de domingo. Mas

conseguiu apenas 30% dos votos e ficou atrás de Sergio Massa (quase 37%).

O governador da província de Buenos Aires, o peronista Axel Kicillof, um dos principais aliados de Massa, ironizou a busca por alianças de Milei. "Agora temos um Milei açucarado, assessorado. Também não será útil. Isso de oferecer um ministério para (a ex-candidata esquerdista Myriam) Bergman e Bullrich faz dele um palhaço depois de tudo o que disse", declarou à rádio El Destape.